

*Borges em São
Paulo, 1970*



Do livro total e das possibilidades de uma arte combinatória

ANA CECILIA OLMOS

Texto lido na apresentação do livro realizada em São Paulo no dia 25 de agosto de 2001.

No conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges, o narrador imagina a existência de um livro total, ou seja: a cifra e o compêndio perfeito de todos os livros do universo. Essa imagem – a do livro total – veio à minha mente quando me deparei com o sumário deste novo título organizado por Jorge Schwartz: *Borges no Brasil*. O volume, que reúne as leituras críticas realizadas no Brasil em torno da obra do escritor argentino, abre-se com um extenso sumário onde nada parece ter sido esquecido. Com efeito, uma primeira aproximação desse sumário faz pensar numa memória rigorosa que recuperou, registrou e organizou autores e textos com um certo espírito acumulativo e totalizador. Borges, que afirmava ter desejado um destino de leitor para sua vida, ficaria atônito perante essas páginas que, na sua abrangência, são um testemunho rotundo da sua consagração como escritor.

Porém, não se trata do exercício de uma estéril memória acumulativa, pelo contrário, o sumário é sedutor e convida aos jogos de uma arte combinatória. Sabemos que é impossível representar a totalidade de uma enciclopédia, mas também sabemos que é possível atualizá-la fragmentariamente, traçar percursos parciais, fazer opções que desenhem uma cartografia de diferentes entradas. Nesse caso, eu escolhi entrar pelas “Primeiras Vozes” e – pouco original da minha parte – reconstruir uma ordem cronológica que me relatasse o ingresso da obra borgiana à cena literária brasileira. Comecei pelo texto inaugural de Mário de

ANA CECILIA OLMOS
é professora de Literatura
Hispano-Americana
da USP.

Borges no Brasil, de Jorge
Schwartz (org.), São
Paulo, Edunesp, 2001.

Andrade de 1928, continuei pela feliz tradução que Clarice Lispector fez do conto “História dos Dois que Sonharam”, fui seduzida pelo belíssimo texto ficcional de Murilo Mendes e depois me detive, curiosa, nas aproximações críticas de Otto Maria Carpeaux e Alexandre Eulálio. Para mim, que não sou uma especialista na obra de Borges, essas leituras inaugurais foram uma agradável e instigante descoberta. Levaram-me a pensar, inclusive, nessas tão faladas dificuldades e distâncias que a diferença lingüística impõe entre a literatura brasileira e a literatura hispano-americana. Por certo, não pretendo negar uma incomunicação reconhecível até hoje, mas sim talvez deva relativizá-la e admitir que os esforços por superá-la nunca foram poucos e que já traçam sua própria história.

As outras abordagens críticas à obra borgiana apresentam-se, no livro, nucleadas em torno a dois momentos: um primeiro encontro organizado com motivo da visita de Borges ao Brasil em 1984, e um segundo encontro realizado na USP em 1999 em comemoração do centenário do nascimento do escritor argentino. Alguns autores estiveram presentes nas duas oportunidades e isso me levou a perguntar se, em pouco mais de uma década, teria havido alguma mudança significativa nesse discurso crítico. Não aprofundei a questão, mas, depois de uma rápida passagem pelos textos, acreditei vislumbrar um gesto peculiar nas leituras do encontro de 1984. Nessas leituras, os textos inaugurais de Mário de Andrade, Alexandre Eulálio, Fausto Cunha, Otto Maria Carpeaux, entre outros, são citados reiteradas vezes. Quero dizer que esses primeiros textos voltam – como num jogo de espelhos – fragmentados, aproximados ou distanciados, nos comentários críticos de uma nova geração de leitores. Creio entrever nesse novo grupo de leitores, entre eles Eneida de Souza, Davi Arrigucci, Bella Jozef, Raúl Antelo ou Jorge Schwartz, um gesto fundador na medida em que pretendiam dar a conhecer e instituir uma relação verificável entre Borges e o Brasil. Assinalo isso porque no encontro de 1999 os críticos não voltam sobre aqueles primeiros

textos, e não acho que seja porque eles tenham perdido atualidade, mas porque essa relação entre Borges e o Brasil, que desponta na década de 20, no final do século, não precisava de novas justificativas: no encontro de 1984 a obra do escritor argentino tinha sido incorporada à cena literária brasileira definitivamente.

O livro fecha com uma bibliografia exaustiva que compreende o período 1970-99 e que, não duvido, vai fazer desse volume um título de consulta permanente. Organizada segundo uma nomenclatura que atendeu aos menores detalhes, essa bibliografia recupera as traduções ao português da obra de Borges; as leituras críticas publicadas em livros, revistas especializadas e jornais brasileiros; as entrevistas realizadas com o escritor, e as teses e dissertações universitárias que tiveram como objeto de estudo sua obra. À diferença da biblioteca de Babel, essa bibliografia responde a uma tranqüilizadora ordem alfabética que me permitiu descobrir o passado borgiano de algum amigo e, inclusive, reencontrar algum colega de mestrado cuja dissertação é aqui resgatada do destino de poeira das bibliotecas universitárias. Mas o que me interessa assinalar nesta oportunidade é que essa bibliografia não se limita a atualizar textos esquecidos, na sua extensão, ela também lembra que uma série crítica pode continuar a crescer e se multiplicar indefinidamente.

Numa das entrevistas feitas com Borges e reproduzida no livro, ele diz que arranjar uma biblioteca, ordená-la, é também um modo de exercer a crítica literária. E acrescenta: “Parece-me bastante desagradável colocar um escritor junto a um inimigo seu ou junto a alguém que não lhe teria agradado. Por exemplo, não sei se convém ordenar, numa biblioteca, um livro de Góngora ao lado de um de Quevedo, pois eles foram inimigos. Seria uma operação indiscreta”. Penso que a organização desse livro, onde Jorge Schwartz reuniu tantos autores e textos, foi uma operação tão ambiciosa que nem sequer correu o risco de ser indiscreta. E depois de ter percorrido algumas das suas páginas, posso afirmar, com certeza, que foi uma operação muito bem-sucedida.